

O CRUZEIRO

ANO XXXV - N.º 0 - 8 DE DEZEMBRO DE 1962



BOSSA NOVA DESAFINOU NOS EUA

Nova York, via Varig — Cercados por uma floresta de microfones (uma dúzia ao todo), que impediam sua visão, pelo público, mas os fazia ouvidos, graças ao trabalho de uma cadeia de emissoras, até na Cortina de Ferro, 20 cantores, compositores e instrumentistas da chamada bossa nova brasileira levaram à cena, no Carnegie Hall, o maior fracasso da música popular do Brasil. Quase 3 mil pessoas, atraídas ao Carnegie Hall para conhecer a bossa nova autêntica, começaram a abandonar a sala quando Antônio Carlos Jobim passou a cantar, em mau inglês, os mesmos sambas que as orquestras norte-americanas já haviam gravado, muito melhor.

Reportagem de ORLANDO SUERO
(Do Bureau de "O Cruzeiro" em Nova York)



A CURIOSIDADE EM TÓRNO DA BOSSA NOVA, NOS ESTADOS UNIDOS, LOTOU O CARNEGIE HALL. NA SEGUNDA PARTE DO FESTIVAL, MUITOS FUGIRAM.

CONTINUA



MENINOS EMPRESTARAM TÔDA A SUA BOSSA AO FESTIVAL QUE FRACASSOU

DEPOIS de conquistar o público norte-americano e europeu, a bossa nova brasileira passou por um fiasco, no anunciado Festival do Carnegie Hall, que representou o ponto culminante de uma série de equívocos, para o qual colaboraram, em partes iguais, o interesse comercial norte-americano, a ingenuidade e a vaidade dos artistas brasileiros e a pressa do Itamaraty em colaborar para uma empresa sem base na realidade.

Após uma viagem improvisada (até à véspera do embarque muitos não tinham sequer passaporte), duas dezenas de representantes da bossa nova seguiram para Nova York, certos de conquistar a América. Eram eles: Tom Jobim, Carlinhos Lira, João Gilberto, Luis Bonfá, Chico Feitosa, Roberto Menescal, Milton Banana, Maurício Marconi, o sexteto de Sérgio Mendes, Oscar Castro Neves e Quarteto (Ico, Henri, Mário), além do cronista de discos Silvio Túlio Cardoso, do vagamente empresário Aluísio de Oliveira e o próprio Conselheiro Mário Dias Costa, do Itamaraty.

O Festival havia sido programado por iniciativa do presidente da fábrica de discos norte-americana Audio Fidelity, Sr. Sidney Frey, que estivera no Rio de Janeiro tentando contratar representantes para uma apresentação da bossa nova nos Estados Unidos, com caráter de divulgação, mas apenas prometendo pagar as passagens.

Após uma série de desentendimentos, os artistas brasileiros preferiram embarcar para os Estados Unidos com passagens fornecidas pelo Itamaraty e com recursos próprios, dentro de um orgulhoso objetivo: mostrar aos norte-americanos, sem receber um único dólar, a verdadeira bossa nova.

Nos Estados Unidos, a apresentação dos brasileiros — principalmente do cantor e compositor João Gilberto, apontado como o pai da bossa nova — foi precedida de larga publicidade, o que encontrava eco no sucesso obtido pelas primeiras três dezenas de "long-plays" de orquestras americanas responsáveis pela nova moda musical.

Dias antes do espetáculo, as entradas (caras) já estavam esgotadas no Carnegie Hall. As 8 h 30 m da noite de quarta-feira, dia 21 de novembro último, finalmente — hora e data que se pretendiam históricas para a música popular brasileira — a grande cortina da sala de concertos do mais respeitável teatro norte-americano se levantou para o ansiado espetáculo.

Estavam presentes, no Carnegie Hall, além de numerosos altos funcionários de setores culturais do governo dos Estados Unidos, alguns dos músicos mais famosos do país e artistas de Hollywood (como Lauren Bacall e Rosalind Russel), e o grande teatrólogo Tennessee Williams.

Desde logo, porém, a pressa com que foi organizada a apresentação ficou patente. A floresta de microfones não deixava ver os artistas. A seqüência na apresentação dos números não fora estabelecida dentro de qualquer critério, mas o cantor ou conjunto era simplesmente anunciado como nos programas de calouros: — Agora é fulano de tal que vai cantar isto assim e assim.

Apequenados no meio do palco grandioso do Carnegie Hall, rapazes ainda praticamente amadores como Carlos Lira, ou possuidores de pequeno volume de voz, como o próprio João Gilberto — tão louvado pela propaganda — começaram, então, a apresentar-se com pouca possibilidade de serem ouvidos por todo o público presente, e sem possibilidade nenhuma de serem entendidos, em face da diferença da língua.

Depois de alguns minutos de espetáculo, a impressão geral era de uma grande monotonia. Os conjuntos de Sérgio Mendes e Oscar Castro Neves — estorçados imitadores da música norte-americana — revelavam-se em tudo inferiores aos conjuntos americanos que já haviam gravado as mesmas músicas que procuravam mostrar.

Para agravar a desorganização, figuravam no programa, longo demais, artistas brasileiros radicados nos Estados Unidos — como a

CARLINHOS LIRA, um dos maiores compositores da corrente da bossa nova, lutou muito para apresentar-se sozinho diante do público norte-americano: conseguiu, mas de nada valeu o seu esforço.

FIASCO DE TOM JOBIM FOI
CANTAR EM INGLÊS O SAMBA
QUE OS COLEGAS TOCAVAM
IMITANDO OS AMERICANOS



STAN GETZ, o responsável pelo cartaz da bossa nova nos Estados Unidos (à esquerda), se perdeu no Festival para Luis Bonfatti na foto, que os norte-americanos não conhecem. Quanto a Tom, Jobim, que os americanos talvez desejavam conhecer, preocupou-se tanto em cantar que cantou em inglês: o público achou que era bossa nova e não gostou.



ROBERTO MENESCAL (acima) e Chico Feltosa (na foto abaixo) não chegaram a impressionar os norte-americanos com suas composições.



CÁRMEN Costa, atualmente radicada nos Estados Unidos, compareceu também ao Festival, embora nada tenha com bossa nova.

cantora Cármen Costa e o violonista Bola Sete —, além de músicos norte-americanos ligados à bossa nova naquele país, como os contratados da Audio Fidelity, o pianista Lalo Schifrin (com Leo Wright, flauta, e Art Davis, contrabaixo) e Stan Getz, com orquestra de 16 figuras sob a direção de Gary McFarland.

Em meio à confusão, quando tocava o quarteto de Lalo Schifrin (que, aliás, é argentino), alguém acendeu inadvertidamente as luzes do Carnegie Hall, e o público, já impaciente, começou a levantar-se pensando tratar-se do intervalo.

E veio realmente o intervalo, pouco depois. Quando o pano voltou a subir, porém, a platéia estava quase vazia. Nos bastidores, o fiasco já patenteados provocava intensa agitação e troca de acusações. Para agravar tudo, Stan Getz abriu a segunda parte da apresentação do Festival tocando, com grande orquestra, a composição francesa "Fóllhas Mortas", que nada tem a ver com bossa nova.

Ante o fracasso da apresentação, os organizadores resolveram abreviar o fim do espetáculo fazendo aparecer, no palco, vários artistas

de uma só vez, o que provocou protestos de Carlinhos Lira, que fez pé firme para apresentar-se só.

Ao final, o único artista mais aplaudido ficou sendo mesmo o violonista Luis Bonfá (que era já conhecido nos Estados Unidos e se tornou popular graças ao filme "Orfeu Negro").

Hora depois do encerramento do Festival da Bossa Nova, já as primeiras críticas começavam a aparecer, e eram unânimes: se a bossa nova já não estivesse popularizada nos Estados Unidos por alguns dos melhores músicos do país — como Stan Getz e Charlie Byrd — o fracasso do Carnegie Hall seria o bastante para sepultar qualquer pretensão no sentido da sua divulgação.

Na Europa — principalmente na França e na Itália — onde as gravações norte-americanas de bossa nova já começam a figurar nas paradas de sucesso, o fiasco dos brasileiros não causou maior repercussão. Os europeus parecem dispostos, apenas, a receber os sambas de bossa nova (um "jazz" estilizado), através da sua estilização pelos músicos de "jazz" norte-americanos, e exclusivamente como música para dançar. Diferente do "twist", porque cavalheiro e dama dançam juntos.

